

# Experiência de quase vinte anos

A realização de transplantes hepáticos por médicos de Brasília não começou agora, mas há quase vinte anos. Em 1968, o professor Ennemann Pimentel e outros profissionais desta área participavam do primeiro serviço de transplantes ortotópicos de fígado em cães, no âmbito da Fundação Hospitalar, no antigo HDB, hoje Hospital de Base.

No ano anterior, Ennemann Pimentel esteve trabalhando na Inglaterra com um dos mais expressivos nomes do segmento de transplante hepáticos, o professor Roy Colme, que fazia experimentos em porcos. De volta ao Brasil, o médico decidiu trocar os porcos por cães, menos onerosos e fornecidos pela Carrocinha a um destino mais nobre do que ao da fábrica de sabão.

## “Intransponíveis”

Assim, foram executados naquela época 13 transplantes, até que o serviço fosse fechado em 1969 por razões que Ennemann Pimentel preferiu explicar de maneira sucinta; “intransponíveis”. Hoje, constata o atraso em que o Brasil se encontra em relação aos demais países que começaram no mesmo período e que prosseguiram nas experiências, foram retomadas as pesquisas.

O governo do Distrito Federal aprovou o projeto de construção de um Centro de Pesquisas em Transplantes e Cirurgias Correlatas, em Brasília em 1986. Para isso, cedeu um terreno da Fundação Hospitalar, no Setor de Áreas Isoladas Norte, nas proximidades do canil. As obras estão em adiantada fase de construção e deverão custar Cz\$ 200 milhões, se concluídas em 90 dias.

Mas enquanto não ficam prontas, os médicos Ennemann Pimentel, Ruy Archer — especialmente convidado para participar da equipe devido às suas experiências em

cirurgias hepáticas no Hospital Municipal Jesus (infantil) no Rio de Janeiro — os cirurgiões pediatras Leonardo Fierro Sevilha e Pinheiro Rocha, através de um convênio, estão trabalhando em instalações cedidas pelo Hospital das Forças Armadas à FHDF.

## Aperfeiçoar

Há dois anos, eles levam adiante o programa de transplantes. Inicialmente, com as cirurgias de retiradas e de colocação de órgão, que são diferentes, já realizadas em 60 cães. Até o momento sofreram transplantes 205 animais, mas a meta é atingir 250 cirurgias, aperfeiçoando profissionais de Brasília da área de apoio, o que inclui auxi-

liares, residentes, etc.

“A cirurgia é delicada, sofisticada e costuma demorar de seis a 24 horas”, explicou Ennemann Pimentel. Para tanto, a equipe está sendo treinada de forma lenta, gradual e progressiva. “Uma vez concluído o Centro de Pesquisa, os trabalhos serão intensificados”, prometeu.

O médico garantiu que até o final do próximo ano os transplantes do fígado serão feitos em Brasília. A mesma equipe que trabalha com os cães será mantida e, mesmo quando não estiver atuando em transplantes humanos, permanecerá em constante atividade, exercitando em animais.

## Hospital é compromisso

O Hospital do Coração é um compromisso da gestão do governador José Aparecido de Oliveira, para o qual a Fundação de Desenvolvimento do Distrito Federal (Fundefe) já liberou recursos no valor de Cz\$ 300 milhões, que darão início ao projeto. Esta foi a colocação feita pelo secretário de Saúde do DF, Laércio Valença, que é também o presidente da Comissão de Implantação do Incor.

“Já estamos trabalhando no processo de licitação para definir o projeto de arquitetura e engenharia do Hospital do Coração”, ressaltou o secretário. Em sua avaliação, todos os esforços devem ser concentrados para concretizar a idéia, tornando-a irreversível devido a sua importância, que é a de atender à demanda de doentes cardíacos desta região.

Laércio Valença ponderou que “é grande a evasão de pa-

cientes com cardiopatias em direção a hospitais de outras localidades do País. A construção de um Incor aqui contornaria o problema”, completou. Para o secretário, o desenvolvimento deste projeto vai depender do futuro governador do Distrito Federal, pois ainda está muito no início, apesar de se flagrante a necessidade que a cidade tem de possuir uma estrutura terciária, capaz de oferecer à população a medicina desejada.

## Fígado

Quanto à pesquisa de transplantes hepáticos, ele deu o seu aval. “Para determinados procedimentos médicos é necessária uma pesquisa prévia para a implantação da técnica. Isto é comum em todos os centros médicos do mundo. A gente não começa pelo doente. A estratégia adotada para o transplante hepático foi perfeita”, frisou.